

RELAÇÃO ENTRE ESTILOS DE SOCIALIZAÇÃO PARENTAL E CONTROLE DO USO DE TELAS POR MÃES DE CRIANÇAS AUTISTAS E EM DESENVOLVIMENTO TÍPICO: PESQUISA EM ANDAMENTO

Maria Gabriela Vicente Soares ¹
Cleomayra Tomaz da Silva ²
Vitória Nunes Vidal ³
Lilian Kelly de Sousa Galvão ⁴

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento da tecnologia é uma das principais características da sociedade contemporânea, e sua influência na qualidade de vida dos indivíduos é inegável. Este desenvolvimento se tornou um elemento essencial, promovendo mudanças significativas na forma como vivemos. Antigamente, o acesso aos dispositivos eletrônicos com telas era restrito à televisão e aos computadores, entretanto, a evolução para aparelhos portáteis como notebooks, smartphones e tablets trouxe praticidade à utilização dos mesmos. Esses dispositivos foram rapidamente incorporados no cotidiano das pessoas das mais diversas faixas etárias, auxiliando-as nas atividades com rapidez e facilidade (Bozza, 2016; Madigan et al., 2019).

Apesar dos inúmeros benefícios, como a troca imediata de mensagens, a realização de videoconferências, compras e lazer (Bozza, 2016), a utilização da internet e das mídias digitais constitui um verdadeiro paradoxo: ao mesmo tempo que auxiliam e aceleram a comunicação, elas negligenciam o contato presencial, onde ocorrem trocas de afeto e interação (Mayaute e Blas, 2014).

Conforme Carr (2011), a internet tem a tendência de absorver o indivíduo para o ambiente virtual. Segundo este autor, o formato portátil que os aparelhos vêm adotando é uma forma de acoplá-los ao corpo físico natural, exercendo cada vez maior controle. Outro fator negativo decorrente do uso indevido das tecnologias refere-se à utilização dos dispositivos

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social - PPGPS/UFPB, mgabriela.psicop@gmail.com;

² Graduanda do curso de Psicopedagogia da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, cleomayrasilvat@gmail.com;

³ Graduanda do curso de Psicopedagogia da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, vickynunesvidal@gmail.com;

⁴ Professora orientadora: doutora em Psicologia Social, Professora do curso de Psicopedagogia da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, liliangalvao@yahoo.com.br.

eletrônicos por tempo excessivo, essa problemática acarreta vulnerabilidade frente à ansiedade, depressão, solidão, entre outros (Fonsêca et al. 2018). Além disso, estudos apontam que o uso excessivo da internet se relaciona negativamente com o autoconhecimento e a autoestima (Israelashvili, Kim & Bukobza, 2012).

Embora os prejuízos citados em decorrência do uso excessivo dos dispositivos eletrônicos estejam presentes em todas as faixas etárias (Madigan, et al.. 2019), é na infância e adolescência que essas questões se tornam mais graves. Essas são fases do desenvolvimento em que ocorrem modificações cognitivas, afetivas e sociais (Rocha et al. 2022). O uso indevido de telas na infância e na adolescência é elencado como um dos principais fatores de risco para interferências no desenvolvimento neuropsicomotor, relacionando-se a déficits na linguagem, comunicação, habilidades motoras e saúde socioemocional (Madigan, et al. 2019; Rocha, et al. 2022).

Além disso, pesquisas mostram que crianças autistas possuem um maior tempo de exposição às telas quando comparadas às crianças com desenvolvimento típico (Li, et al. 2021). Esse dado pode ser justificado pelo fato de que crianças com TEA podem demonstrar uma preferência precoce e maior afinidade por recursos tecnológicos do que as crianças com desenvolvimento típico (Leitão, Júnior e Sousa, 2023).

Outro fator que pode estar relacionado ao controle sobre o uso de dispositivos eletrônicos pelos filhos são os estilos de socialização parental, que correspondem a determinados padrões de comportamentos e atitudes que os pais podem adotar na criação de seus filhos (Darling e Steinberg, 1993). A divisão dos estilos parentais sofreu diversas modificações com o passar dos tempos. Atualmente, uma das versões da teoria mais utilizadas os divide em quatro: autoritário, com alto índice de coerção e baixo índice de aceitação; autoritativo, com alta coerção e alta aceitação; permissivo indulgente, com alta aceitação e baixa coerção; e permissivo negligente, com baixa coerção e baixa aceitação (Musitu e García, 2001).

Estudos apontam haver uma associação significativa entre problemas na saúde mental dos pais (estresse, sobrecarga, exaustão) e estilos parentais permissivos, caracterizados por, entre outros fatores, prejuízos na imposição de limites aos filhos (Oyserman, et al. 2002). Esses estilos parentais podem agravar a dificuldade de regular o uso de tecnologia pelas crianças, potencializando os impactos negativos discutidos anteriormente.

Diante do exposto, esta pesquisa busca comparar o controle do uso de telas de crianças nos quatro estilos parentais. Mais especificamente, busca-se verificar se há diferença entre as

mães que adotam diferentes estilos parentais, no que se refere ao tempo de uso de telas, em uma amostra composta por crianças autistas e em desenvolvimento típico.

METODOLOGIA

Participantes

Participaram deste estudo 100 mães de crianças de 5 a 11 anos ($M = 7,5$; $DP = 2,2$) sendo 50 mães de crianças com desenvolvimento típico (50%) e 50 mães de crianças com Transtorno do Espectro Autista (50%).

Instrumentos

O instrumento utilizado foi a Escala de Socialização Parental (ESPA-29), desenvolvida por Musitu e García (2001) e adaptada para utilização com mães por Chaves (2018). Esta escala foi escolhida para avaliar os estilos de socialização parental a partir das dimensões de Aceitação (afeto, diálogo, indiferença e displicência, sendo estes dois últimos, analisados inversamente) e Coerção (coerção verbal, coerção física e privação). A escala contém 29 situações descritas na terceira pessoa (ex.: “Se quebra ou estraga alguma coisa da nossa casa”), que as mães devem avaliar em uma escala Likert de 4 pontos: (1) para “nunca”; (2) para “algumas vezes”; (3) para “muitas vezes”; e (4) para “sempre”.

Além disso, para medir o nível de controle sobre o uso de telas, foi utilizada a pontuação média de um item específico do questionário de satisfação e controle sobre o uso de telas, de autoria própria. Esse item incluía uma pergunta sobre a imposição de regras e limites de tempo de uso de telas aos filhos. As respostas variaram de 1 a 3, onde 1 correspondia a ausência de regras e limites sobre o uso de telas, 2 indicava a existência de algumas regras que não são totalmente seguidas e 3 significava a imposição de regras e limites claros. Por fim, foi aplicado um questionário sociodemográfico para coletar informações básicas das mães (ex.: idade, escolaridade, renda familiar, etc.) e de seus filhos (ex.: idade, gênero, frequência escolar, etc.).

Procedimento da Coleta de Dados

Todas as etapas éticas recomendadas pela Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde foram seguidas. Após a aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, as coletas de dados foram iniciadas em instituições privadas e públicas, utilizando um QR Code disponibilizado pelos pesquisadores e uma busca via redes sociais. As mães que atenderam aos critérios de inclusão receberam, via WhatsApp ou QR

Code, o link contendo o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e os instrumentos mencionados. Após aceitarem participar e assinarem o TCLE, a pesquisa prosseguiu por meio do Google Forms.

Análise de dados

A análise de dados foi realizada utilizando o software Statistical Package for Social Science (SPSS), versão 25. Inicialmente, foram calculadas as médias dos fatores da escala, em seguida, os fatores foram somados para compor os itens de aceitação e coerção. Posteriormente, foi realizada a classificação dos participantes individualmente, com base na pontuação abaixo ou acima da mediana para cada fator, englobando-os em estilos parentais determinados (por exemplo, participantes que pontuaram acima da mediana para aceitação e abaixo da mediana para coerção foram considerados dentro do estilo parental permissivo indulgente). A partir disso, foi criada uma nova variável nominal, com os participantes divididos entre os quatro estilos parentais, a fim de comparar as médias de controle de tempo de telas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inicialmente, foi realizada uma análise descritiva com o intuito de caracterizar os grupos amostrais. Os resultados apontaram que, das 100 mães, 31 utilizam o estilo parental autoritário, 19 autoritativo, 29 permissivo indulgente e 21 permissivo negligente. Foi realizada uma ANOVA com o intuito de comparar a variável do controle sobre tempo de telas nos quatro grupos referentes aos estilos parentais. Sendo 1 = baixo controle sobre tempo de telas e 3 = alto controle, os pais autoritários pontuaram com $M = 1,58$ ($DP = 0,67$), os autoritativos $M = 1,42$ ($DP = 0,60$), permissivo indulgente $M = 1,66$ ($DP = 0,67$) e permissivo negligente, com média mais baixa como esperado e em consonância com a literatura, $M = 1,14$ ($DP = 0,35$). A análise deu significativa com $p = 0,02$.

Os pais autoritários, conhecidos por sua alta exigência e baixa responsividade, obtiveram uma média de 1,58 no controle sobre o tempo de telas. Embora esse índice possa parecer baixo, foi uma das pontuações mais altas do presente estudo. Isso está em consonância com a literatura, que indica que pais autoritários tendem a ser mais controladores, refletindo um maior grau de supervisão sobre o tempo que os filhos passam em frente às telas (Baumrind, 1966; Cassoni, 2013). Já os pais autoritativos, que combinam alta exigência com alta responsividade, pontuaram com uma média de 1,42. Este estilo é

frequentemente associado a um equilíbrio saudável entre controle e suporte, o que se reflete em um controle moderado sobre o tempo de telas (Weber et al., 2004).

Os pais permissivos indulgentes, conhecidos por serem altamente responsivos, mas pouco exigentes, tiveram uma média de 1,66. Estes resultados contrariam a literatura, ao ser um estilo parental baseado no baixo controle e imposição de regras (Cassoni, 2013), entretanto, pode ser justificado pelo baixo tamanho amostral e as características específicas do grupo populacional participante. Por fim, os pais permissivos negligentes, caracterizados por baixos níveis tanto de exigência quanto de responsividade, pontuaram com a média mais baixa de 1,14. Este resultado está alinhado com a literatura, que sugere que esses pais tendem a impor menos controle sobre as atividades dos filhos, incluindo o tempo de telas, devido à falta de envolvimento e supervisão (Cassoni, 2013).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo forneceu evidências de que as mães de crianças autistas tendem a adotar estilos parentais mais baseados na aceitação. O estudo propôs uma visão geral sobre o controle do uso de telas por mães de crianças autistas e em desenvolvimento típico. Embora a comparação entre os grupos com base no diagnóstico não tenha sido realizada ainda, o recorte populacional analisado permitiu chegar a conclusões iniciais. Foi observado que as mães que adotam estilos parentais autoritários e autoritativos possuem um alto controle sobre o tempo de telas, enquanto as mães com estilo negligente apresentam baixo controle, como esperado. Um resultado inesperado foi que as mães permissivas indulgentes apresentaram maior pontuação de controle do tempo de telas, o que pode ser justificado pelo tamanho pequeno da amostra, que pode representar a população geral apenas parcialmente.

De um modo geral, pode-se dizer que a pesquisa continua em andamento e os resultados são parciais. Espera-se que, ao final da pesquisa, lacunas sejam preenchidas e a comparação entre os grupos com base no diagnóstico dos filhos seja realizada com resultados significativos. Isso contribuirá para o avanço da ciência na temática do desenvolvimento infantil, oferecendo uma compreensão mais detalhada sobre como diferentes estilos parentais influenciam o controle do uso de telas em crianças.

Palavras-chave: Estilos parentais; Transtorno do Espectro Autista; Tempo de telas.

REFERÊNCIAS

- BAUMRIND, D. Effects of Authoritative Parental Control on Child Behavior. **Child Development**, v. 37, n. 4, p. 887–907, 1966.
- BOZZA, T., C. **O uso da tecnologia nos tempos atuais: análise de programas de intervenção escolar na prevenção e redução da agressão virtual**. 2016. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil.
- CARR, N. **Geração artificial**: o que a internet está fazendo com os nossos cérebros. Rio de Janeiro, 2011.
- CASSONI, C. **Estilos parentais e práticas educativas parentais: revisão sistemática e crítica da literatura**. text—[s.l.] Universidade de São Paulo, 27 nov. 2013.
- CHAVES, C., M., C., M., et al. **Socialização materna e comportamentos agressivos: percepção de mães de crianças com síndrome de down e em desenvolvimento típico**. Tese (Doutorado), 2018.
- FONSÊCA, P. N.; et al. Uso de redes sociais e solidão: evidências psicométricas de escalas. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 70, n. 3, p. 198-212, 2018. Rio de Janeiro.
- ISRAELASHVILI, M.; et al. Adolescents' overuse of the cyber world: Internet addiction or identity exploration? **Journal of Adolescence**, v. 35, n. 2, p. 417-424, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2011.07.015>. Acesso em: 5 jun. 2024.
- LEITÃO, C. M.; et al. Implicações do tempo de tela no desenvolvimento neuropsicomotor de crianças autistas. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 23, n. 3, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.25248/REAS.e11970.2023>. Acesso em: 5 jun. 2024.
- MACCOBY, E. E.; MARTIN, J. Socialization in the context of the family: Parent-child interaction. In: MUSSEN, P. H.; HETHERINGTON, E. M. (Eds.). **Handbook of child Psychology**. 4. ed. New York: John Wiley & Sons, 1983.
- MADIGAN, S.; et al. Association between screen time and children's performance on a developmental screening test. **JAMA pediatrics**, v. 173, n. 3, p. 244-250, 2019.
- MAYAUTE, M. E.; BLAS, E. S. Construcción y validación del cuestionario de adicción a las redes sociales. **Liberabit**, v. 20, n. 1, p. 73-91, 2014.
- MUSITU, G.; GARCÍA, F. ESPA29: Escala de estilos de socialización parental en la adolescencia. Madrid, Spain: Tea, 2001.
- OYSERMAN, D.; et al. Positive parenting among African American mothers with a serious mental illness. **Journal of Marriage and Family**, v. 64, n. 1, p. 65-77, 2002.
- ROCHA, M. F. A.; et al. Consequências do uso excessivo de telas para a saúde infantil: uma revisão integrativa da literatura. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 4, 2022. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i4.27476>. Acesso em: 5 jun. 2024.
- WEBER, D. R.; et al.. Body Composition Analysis in the Pediatric Population. **Pediatric endocrinology reviews: PER**, v. 10, n. 1, p. 130–139, nov. 2012.